

Glosa Visual #3: Cuidando das obras icônicas de Siza Vieira

Por Beatriz Duarte

(i2ADS-FBAUP)



No dia seguinte, nos deslocamos para Leça da Palmeira, onde visitamos dois dos projetos mais emblemáticos de Álvaro Siza Vieira: a Casa de Chá da Boa Nova e, mais adiante, as Piscinas das Marés. Ambas as obras operam por uma lógica de enraizamento no território, numa arquitetura que emerge das pedras e do mar, produzindo relações coreográficas entre espaço, corpo e paisagem.

Chegamos à Casa de Chá da Boa Nova logo pela manhã, antes da abertura oficial do restaurante que ocupa o espaço atualmente. Ainda sem clientes, o espaço estava em silêncio, mas em movimento: funcionárias circulavam discretamente entre as mesas, preparando talheres, ajustando objetos, dobrando guardanapos com precisão. Era possível perceber os bastidores ativados diariamente para sustentar a experiência de luxo que viria em breve. O edifício, um dos primeiros projetos de Álvaro Siza, foi construído em 1958. Uma sequência de salas conduz o olhar, enquadrando o mar em diferentes perspectivas. Madeira, vidro e concreto articulam-se com a paisagem, estabelecendo um diálogo discreto com a costa e o horizonte.

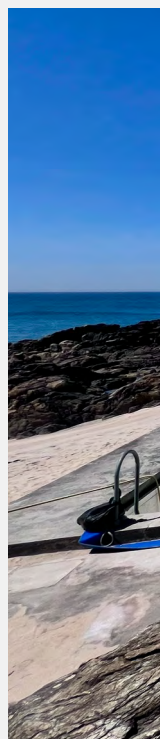


Colaboradora preparando o espaço antes da abertura ao público no interior da Casa de Chá da Boa Nova.

Transformado em restaurante de alta gastronomia com estrela Michelin, o edifício foi incorporado a um circuito de consumo de luxo. O acesso é mediado por protocolos de assepsia: protetores plásticos nos sapatos, tempo de permanência limitado, circulação restrita. A arquitetura, originalmente pensada como abrigo público e acessível para a contemplação da paisagem, tornou-se cenário de exclusividade. É necessário lembrar, contudo, que a Casa de Chá passou por um momento de ruína. Uma forte tormenta destruiu parte significativa de seu interior, deixando o edifício abandonado por anos. Somente mais tarde, já em contexto de revalorização do patrimônio moderno, o espaço foi restaurado e reaberto ao público, ainda que com outra função.

A transformação do uso do espaço levanta questões sobre o destino dos espaços modernos: que formas de apropriação e significação sobrevivem quando a arquitetura é submetida às forças do mercado e do turismo? Que experiências se perdem, e quais se instituem, quando o edifício é reconfigurado como objeto de luxo? A Casa de Chá originalmente pensada como abrigo público, acessível, vinculado ao território e ao cotidiano, tornou-se hoje um lugar de exceção. O que resta da sua condição pública? Quem pode, de fato, habitá-lo?

Posteriormente, seguimos a pé até as Piscinas das Marés, um projeto inaugurado em 1966. O percurso proposto pela arquitetura revela também uma dimensão coreográfica do projeto. O acesso ao



espaço não é direto. Primeiro atravessa-se um corredor escuro, com atmosfera industrial, que conduz aos vestiários. Dali, uma sequência de pequenas transições entre mudanças de piso, textura e de luz, prepara o corpo para o encontro com o mar. Antes de ver o oceano, o visitante precisa caminhar ao longo de um paredão de concreto, que retarda a revelação da paisagem. O mar, nesse gesto, não é oferecido de imediato. Ele é mediado pela arquitetura.

Colaboradores preparando a Piscina das Marés para a temporada de verão, evidenciando o trabalho de manutenção que sustenta o funcionamento do espaço.



Encontramos o espaço ainda fechado ao público, em preparação para a temporada de verão. Diante de nós, revelavam-se, também, os bastidores da arquitetura. Em vez do cenário balnear em funcionamento, vimos a infraestrutura em ação: trabalhadores pintavam superfícies, limpavam áreas, realizavam pequenos reparos nas piscinas, gestos repetidos ano após ano para garantir que o espaço possa ser usado. Assim como na Casa de Chá, onde observamos a minúcia com que as mesas eram preparadas para a chegada dos clientes, ali também se evidenciava o trabalho invisível que sustenta a experiência arquitetônica.



Esse contato direto com a dimensão infraestrutural do edifício ressoa com as discussões propostas por Elke Krasny na conferência que será referida adiante. A arquitetura não se apresenta apenas como forma ou imagem, mas se afirma também como processo, sustentada por gestos de atenção, reparo e preparação. Testemunhamos o trabalho necessário para que um espaço se torne disponível ao uso, e, com isso, tornam-se visíveis as condições materiais e humanas que sustentam a permanência da arquitetura no tempo.



Fenda.
Rachadura.
Pedra.
Areia.

Ao mesmo tempo, a mediação dos espaços reafirmava, continuamente, a autoria de Álvaro Siza como marca central da experiência. O gesto de nomear, reverenciar, eternizar faz pensar sobre como a arquitetura se ancora frequentemente em figuras de autoridade quase míticas, mais do que nos processos coletivos que tornam esses espaços possíveis. Visitávamos obras que, embora concebidas com extremo cuidado em relação à paisagem e ao corpo no espaço, também estavam inseridas num sistema que celebra o indivíduo e oculta as múltiplas vozes envolvidas na construção, operação e manutenção desses lugares.

No paredão da arquitetura que impede a visão direta do mar na Piscina das Marés, uma rachadura se impõe no concreto. Em arquiteturas modernistas, esse material aparece com frequência como símbolo de solidez, de permanência, e também de uma certa promessa de neutralidade e uniformização, uma matéria despojada de ornamentos, capaz de acomodar diferentes programas com a mesma lógica estrutural. Mas é justamente nessa superfície lisa e controlada que a fissura se destaca. A rachadura carrega o tempo inscrito no corpo do edifício, um lembrete da erosão, do uso, da falha, da necessidade constante de reparo. Tal como a tormenta que abalou a Casa de Chá, essa fratura desloca a imagem de perfeição e nos aproxima da arquitetura enquanto organismo: sujeito a esforço, desgaste e persistência. São essas marcas, as que escapam ao controle do autor, que nos lembram que a arquitetura não vive apenas no gesto inaugural, mas na sua continuidade material e política, sustentada por práticas de cuidado, manutenção e reinscrição cotidiana.

